



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

Director artistico:

PAPUSSE



## GENEROSA PAGA DUMA PÊGA

— Por ZA-SOU —

Desenho de EDUARDO MALTA



O seu palácio sumptuoso, de arquitectura modelar, vivia o rei Anastácio XXXV com sua filha, a princesa Cara-Linda, senhora de fenomenal formosura, a quem, por tão prodigioso dote, fôra dado esse nome.

Era o rei Anastácio poderosamente rico e, por isso, em todo o recheio do seu magestoso palácio se manifestavam o luxo e a opulência, bastando dizer-se que o mobiliário dos seus aposentos era todo marchetado de ouro, e as argolas das próprias portas também do mesmo precioso metal. Foi por ser possuidor de tão colossal riqueza, que o cognominaram Rei d'Ouros.

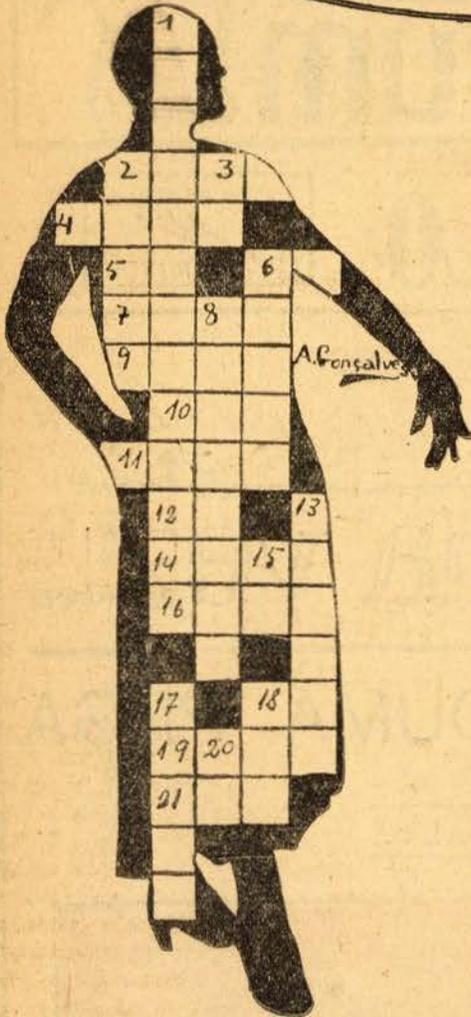
A princesa, por sua vez, ostentava as mais ricas e preciosas joias onde refulgiam pedras de incalculavel valor, sobresaíndo, num admirável conjunto, o anel conhecido no palácio por o mais precioso, não só pela quantidade e tamanho dos diamantes que continha, como, também, por ser considerado reliquia de velhos antepassados.

Por isso, o Rei e a Princesa tinham por essa joia a mais arreigada estima.



(Continua na pag. 4)

# HORA DO RECREIO



Solução do anterior

## PALAVRAS CRUZADAS

### Problemas

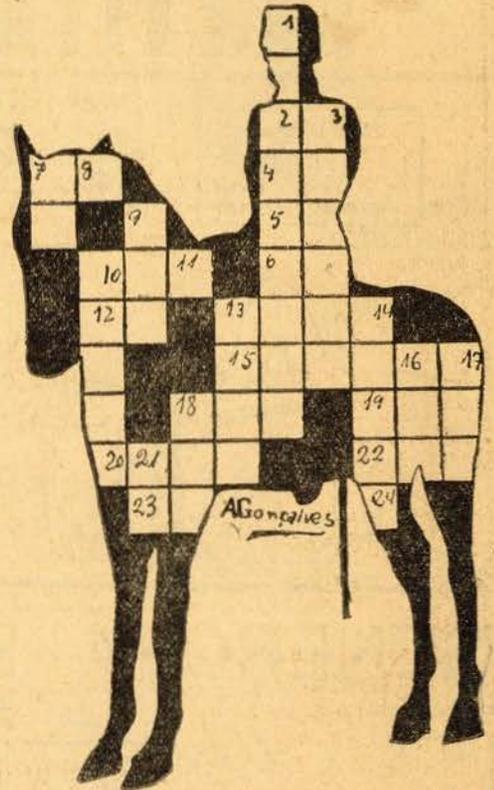
### O Cavaleiro

#### HORISONTAIS

2, Entre nós. — 4, Desprezar. — 5, Primeira nota musical, hoje substituída por dó. — 6, Nome da letra grega A. — 7, Género de palmeiras do Brasil. 10, Moderno idioma javanês. — 12, Duas vogais. — 13, Instrumento com que se traçam angulos no terreno. — 15, Doutores da lei entre os turcos. — 18, Espécie de boi, selvagem. — 19, Olá. — 20, Lugar cerrado para guardar colmeias. — 22, Antiga medida itinerária da India. — 23, Cânhamo de Manila. — 24, Artigo.

#### VERTICAIS

1, Meticulosidade. — 3, Pedra ôca. — 7, Jornadeava. — 8, Vogal. — 9, Cada um dos corpos que uma corrente electrica desagregou. — 10, Invo-cam. — 11, Vogal. — 13, Derrabado. — 14, Apregadura. — 16, Anda! — 17, Proprio dele. — 18, Larva que se cria nas feridas dos animais. — 21 Indivisivel,



## A Dama

#### HORISONTAIS

2, Hipópotamo da Africa Oriental. — 4, Indolente. — 5, Duas consoantes. — 6, Grande quantidade. — 7, Espécie de cerveja, fabricada pelos antigos Egypcios. — 9, Cheiro agradável. — 10, Nome de um peixe de Portugal. — 11, Tabaco em pó, para se cheirar. — 12, Um adjectivo demonstrativo, em francês. — 14, Racha. — 16, Pedes. — 18, Ataque de paralisia — 19, Irra! — 21, Nome scientifico do mais.

#### VERTICAIS

1, Relativo ao zygyphyllo. — 2, Estonteado. — 3, Consoante e vogal. — 6, Permaneceu. — 8, Peixe acanthoptirygio. — 13, Alfaiate. — 15, Caminhe. — 17, Espécie de antilope indiano. — 18, Constelação austral. — 20, Borrás.

F	A	B	E	R		P	E	R	A
A	M	O	R	U	D	O		U	I
M	E	G	A	I		B	O	I	A
T	I	A		D	U	R	A		
O			D	O	T	E	S		F
C	A	M	A		I	I	R	A	
H	O			L	I	S	A		
E	L	I	T	E		L	T	U	
S	E	R	A		A	D	I	A	R
	I	A	T	E		A	I		O

# COMO A MIMI VESTE A SUA BONECA

Por MORENITA

Desenhos da Autora

(Continuação)

O que ficou dito tem explicação nas figuras 1, 2, 3 e 4. Isto é em pano simples; tendo bainha, dobra-se o pano para fazer a bainha, chegando com ele ao «ajour» (figs. 5 e 6), depois faz-se o «ajour» conforme ficou dito, mas apanhando também o pano da bainha quando a agulha sai espetada no pano (fig. 7). O resto do jogo é todo feito como até aqui.

Ha alguns pontos que nos permitem fazer lindas guarnições, como o ponto singelo (já ensinado) o de pé de flôr ou ponto de haste, cadeia, espinho, etc.

O ponto singelo é o ensinado já para fazer as estrelas e que nos permite fazer outras coisas mais (figs. 8 e 9); o de pé de flôr ou haste, é um ponto também muito simples e com o qual se podem fazer coisas lindas. Uma flôr por exemplo, com o pé é mais graciosa e tantas outras coisas se podem fazer. Vamos aprendê-lo.

E' uma espécie de ponto atrás, como vamos ver (fig. 10). Isto é, a linha saiu de *a* a agulha entrou em *b* e voltou a sair do ponto donde tinha partido.

O ponto pequenino fica mais bonito. Puxamos a agulha e vamos agora espetá-la para o segundo ponto. Calcule-se sempre, pouco mais ou menos, o mesmo tamanho dos pontos para ficar certo (fig. 11). A linha entrando em *c* foi sair em *b*;

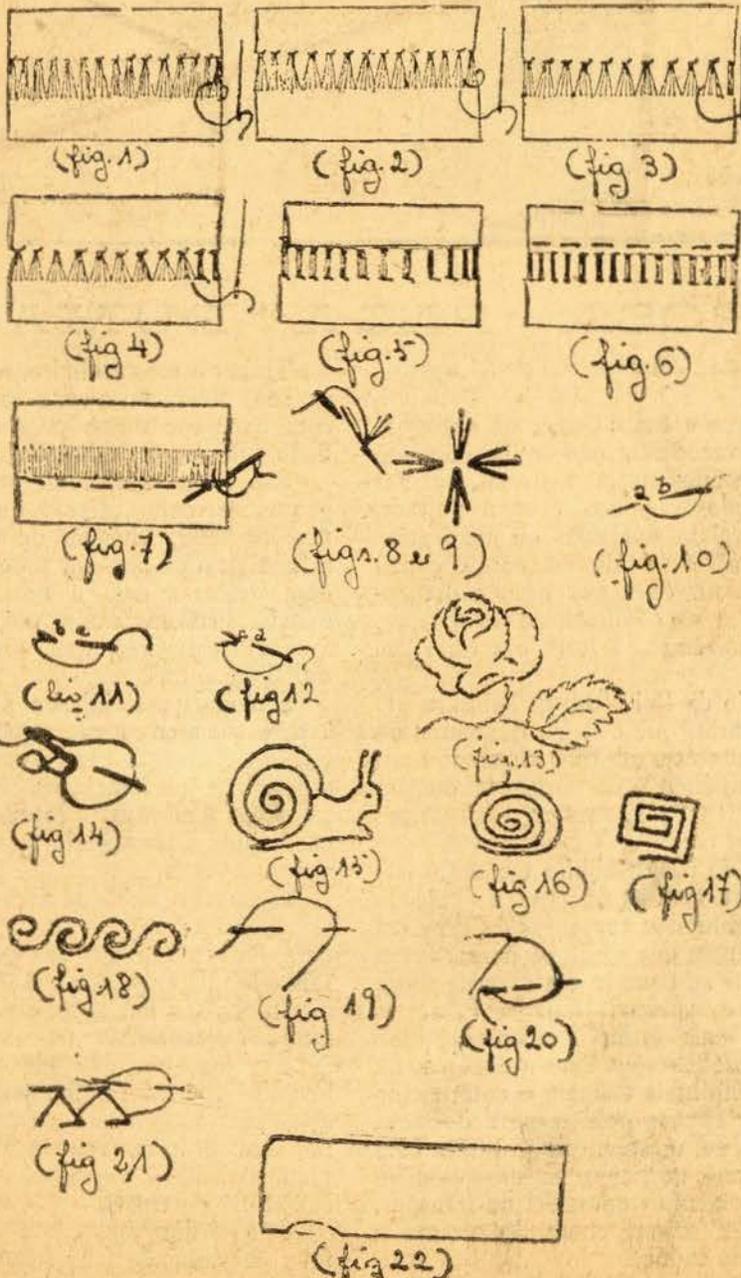
o sítio onde ha pouco entrou a agulha e assim por deante (fig. 12); entrando em *d* para o terceiro ponto sai em *c*. Podeis aplicá-lo em muitas coisas, para exemplo (figura 13).

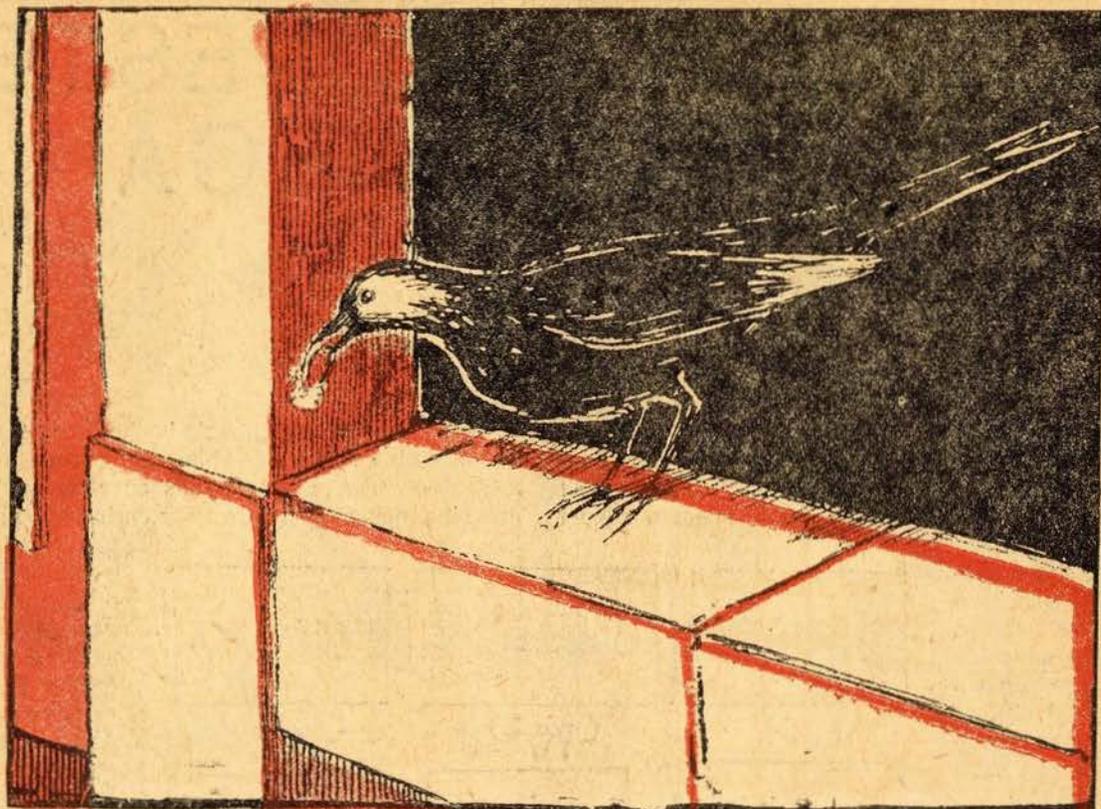
Agora temos o ponto de cadeia. Este ponto tem vasta aplicação e também não é difícil (fig. 14). Faz-se uma argola com a linha como veem e espetase a agulha no ponto donde a linha partiu, puxa-se a agulha e segue-se sempre assim. Tendes algumas aplicações nas (figs. 15, 16, 17 e 18).

O ponto espinho é espinho, mas não é espinhoso. Pode vê-se isso nas (figs. 19, 20 e 21). Este ponto é muito bonito para cercaduras.

Vamos, agora, fazer-lhe vestidinhos para a podermos apresentar. Tomamos um pedaço de mansouh, pongé, po-

(Continua na página 6)





## GENEROSA PAGA DUMA PEGA

(Continuação da 1.ª pag.)

Deve dizer-se que o Rei d'Ouros era extremamente pacato e comodista, não se lhe podendo chamar, como a muitos destas histórias, um Rei reinadio. Importando-se pouco com a política, raras vezes se envolvia em lutas ou pendências internacionais. Sempre metido em *copas*, e não desejando fazer *vasa*, dava por *paus* e por pedras quando se via na contingência de *trunfar*, para mostrar aos *parceiros* a força e o valor das suas *espadas*.

Junto ao palácio do Rei d'Ouros, habitava um negociante de pássaros, que o vulgo denomina de Passarinheiros. Tinha este um filho chamado Luís, rapaz bastante simpático e de impecável elegância e que se empregava apenas na escrituração dos negócios de seu pai.

Possuía a casa do passarinho um vasto jardim que confrontava com as trazeiras do Palácio, justamente em frente dos aposentos da Princesa e a tão pouca distância que de lá se descortinava perfeitamente o que se passava em casa do moço Luís. Por essa circunstância, tinha a Princesa, desde criança, a mais íntima afeição pelo filho do passarinho, afeição que, com o decorrer do tempo, se tornou no mais violento e enternecido amor, manifestado apenas pela ternura dos seus olhares. Pode dizer-se, mesmo, que já lutava com a mais intensa paixão, ao pensar na desigualdade de hierarquias, obstáculo impossível de transpôr. Essa tortura fazia-a sofrer, chegando mesmo a abalar-lhe a preciosa saúde.

Tinha o passarinho, em bom recato, todas as suas aves, instaladas nas respectivas gaiolas, com excepção duma pèga que andava em liberdade pelo jardim e imediações da casa.

São estas aves, como se sabe, bastante inteligentes, havendo mesmo quem tenha conseguido fazê-las falar. Dotadas de singular instinto, teem a tendência de subtrair todos os objectos que podem deslocar com o bico, tais como: tesouras, dedais, brincos, anéis, etc., ocultando-os em tão recônditos lugares, que, muitas vezes, se torna difícil encontrá-los.

O nosso passarinho e o filho dispensavam à pèga a maior estima, vigiando-a constantemente. Foi devido a esta circunstância que ela deixou de ser vítima da ferocidade dum mal intencionado gato que, dum salto, a estrangulava se a intervenção rápida e previdente do segundo se não fizesse sentir.

Ficou a ávezinha tão reconhecida pelo benefício recebido que, daí em diante, passou a acompanhar para tôda a parte o seu generoso salvador, pousando-lhe na cabeça e nos ombros, certamente na esperança de lhe retribuir o benefício de a ter livrado da morte.

Um dia, em que ela saltitava pelo jardim, levantou vôo e foi entrar por uma das janelas dos aposentos da Princesa e com a semcerimónia que lhe era própria, roubou dali o precioso anel, vindo escondê-lo seguidamente, num escaninho da secretária do rapaz.

Não tardou muito que a Princesa desse pela falta da estimada joia, ficando inquieta e acabru-



nhada por tão misterioso desaparecimento. Foi, sem perda de tempo, participar o caso a seu pai.

O monarca ficou pesaroso e mandou espalhar imediatamente uma proclamação na qual oferecia um fabuloso prêmio a quem apresentasse o anel ou soubesse do seu paradeiro, acrescentando ainda que, sendo homem, lhe cederia a mão da Princesa caso os seus merecimentos a isso lhe dessem jús e, sua filha se não opuzesse.

Decorridos alguns dias, foi preciso ao filho do passarinho regularizar a sua escrita e, ao procurar uns documentos que lhe faltavam, foi surpreendido pelo misterioso achado. De princípio ficou bastante intrigado com a aparição, ali, de tal joia, mas logo lhe ocorreu a ideia de que o caso seria obra da sua pèga.

Correndo ao Palácio, apresentou o anel ao Rei d'Ouros e explicou-lhe a forma como o tinha encontrado.

O Soberano, cheio de contentamento, mandou chamar a Princesa, que não se fez esperar, manifestando a mais radiante alegria quando deparou com tão inesperada visita.

Inteirada, por seu pai, de tudo que se passava, não pôde conter as lágrimas que traduziam a sua satisfação e tudo que lhe ia na alma em momento de tanta felicidade.

Desejoso, o Rei d'Ouros, de cumprir a promessa feita na sua proclamação, perguntou à Princesa se estava na disposição de dar a mão de esposa àquele simpático rapaz.

Entre soluços, e copioso pranto, se lançou a Princesa ao pescoço do seu progenitor para lhe pedir perdão, uma vez que já há muito tinha pelo rapaz a mais afectuosa simpatia, sentindo-se feliz por o destino ter concorrido para a realização dos seus mais ardentes desejos.

Bastante satisfeito ficou o Rei com a resposta de sua filha, pelo interesse que sempre manifestara em realizar os seus desejos e aspirações, e logo entre os três se assentou no dia em que deveriam ter lugar os esponsais.

Realizaram-se estes no meio de ruidosas festas que duraram oito dias, gozando os noivos duma interminável Lua de Mel.

Para complemento de tão venturoso enlace, foram chegando, passados

tempos e na devida oportunidade, vindos de França, os desejados e interessantes nênes que, na idade própria, com seus sorrisos e meiguices, inundaram de alegria a jubilosa existência dos afortunados esposos que, num conjunto de delícias, viveram por dilatados anos.

(Conclue na pag. 7)



## Como a Mimi veste a sua boneca

(Continuação da pág. 3)

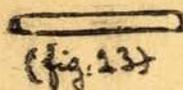
peline, cretone, etc., aquilo que a mamã nos der; dobramo-lo ao meio, cortamo-lo em forma de rectângulo, de maneira que a largura dê desde o queixo aos joelhos da boneca e o comprimento envolva a boneca (os braços também) e sobrepõe um pouco. Dobra-se então o pano para fazer a bainha, de maneira que a largura do pano fique desde o pescoço até um pouco por cima dos joelhos. Faz-se, então, a bainha (se fizerdes «ajour» mais bonito ficará). Dobra-se o pano ao meio e este ainda novamente ao meio e com uma tesoura abrem-se na parte superior próximo, do cimo dois buracos por onde possam caber os braços (fig. 22). Com um galõesinho de sêda, uma fitinha de sêda da mesma cor ou mesmo uma fitinha do mesmo pano à qual se dobra dos lados um bocadinho para não desfiar, debruam-se as cavas abertas.

Para debruar dobra-se a fitinha pelo meio, de maneira que entre metade para dentro e metade para fora e mete-se-lhe dentro o que se quer debruar (figs. 23 e 24); vai-se alinhavando a fita e depois, com linha igual e ponto adiante, prende-se de maneira que a linha não se perceba. Entiamo-lo nos braços da boneca e franzimos então em volta do pescoço até ficar à medida desejada. Depois debruamo-lo como fizemos nos braços, pregamos uma fita de cada lado do decote, atrás, para atar e temos o primeiro vestidinho da nossa boneca.

Vamos fazer-lhe outro mais bonito.

Peçamos à mamã um bocado de fazenda que sobrou dum nosso, (feito com fazenda fina, fica mais bonito). Riscamos uma parte com bicos, (fig. 25) na parte superior e uma outra sem bicos, mas com o decote maior, e os ombros mais largos que a parte de traz, para fazermos pregas, (fig. 26). Risquemos então um recorte qualquer a nosso gosto, que pode ser mesmo o que temos empregado mais até aqui. Onde havemos de fazer o recorte? Nas duas partes inferiores; na parte da frente, no decote, e desde os ombros até ao sitio onde há-de terminar a cava; na parte de trás, desde a mesma altura em que terminou na parte da frente, nos bicos, decote, e chega ao outro lado, à mesma altura da frente, (fig. 27).

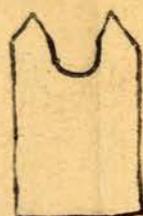
A uma distância regular do recorte do fundo, que pode orçar por um, dois ou três dedos, conforme o tamanho do vestido. Fazemos uma carreira de furos em volta, (fig. 28). Depois, mesmo com o auxílio dum papelão, riscando nêlo o feitio que se lhe quer dar, (fig. 29 e 30), vamos colocando em cima dessa carreira de furos, a fôrma, e com um lápis marcando em volta o sitio onde se não-de fazer outros furos, (fig. 31 e 32).



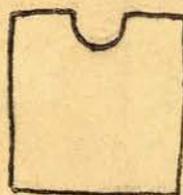
(fig. 23)



(fig. 24)



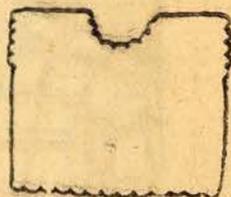
(fig. 25)



(fig. 26)



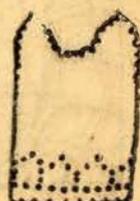
(fig. 27)



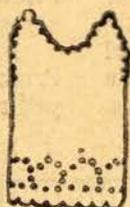
(fig. 29)



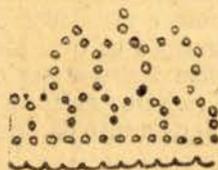
(figs. 29 e 30)



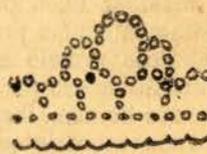
(fig. 31)



(fig. 32)



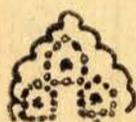
(fig. 33)



(fig. 34)



(fig. 35)



(figs. 36 e 37)

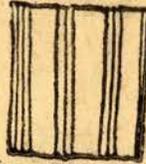
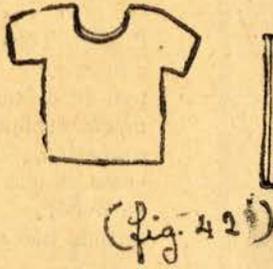
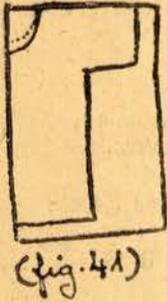
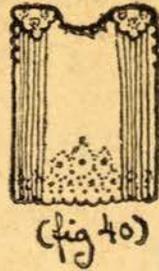
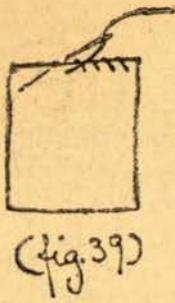
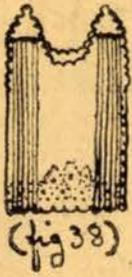


Depois servindo-nos do espaço que ficou entre as figuras desenhadas no meio das partes da frente e de trás, fazem-se mais três, não custa nada, mesmo puxando a fôrma um pouco mais acima, faz-se a figura do meio maior, (fig. 35 e 34).

No centro de cada uma das figuras escolhidas, fazemos uma estrelinha mesmo com ponto singelo, (fig. 35). Nos bicos, com a mesma fôrma de papelão, riscamos três figuras iguais, (fig. 36 e 37).

Corta-se então, o recorte e fazem-se-lhe pregas na parte da frente, nos dois lados, até os ombros estarem da largura da parte de trás. Fecha-se dos lados. Como se fecha, pomos as duas partes ajustadas e com ponto atrás. A pontinha faz-se a costura (fig. 38) volta-se depois às avéssas e faz-se nova costura também com ponto atrás, de maneira que do outro lado não apareça nada. É claro que quanto menos pano tiverem apanhado da primeira costura menos

## Outro vestido



Este, mesmo com lã, «voile» de lã, etc., ficará bem. Dobramos o pano em quatro, cortamos o decote, um bocadinho para mangueiras, (fig. 41) e uma tira direita para a saia. Cortamos um pouco mais na frente, no decote. Fecha-se então dos lados. Faz-se a bainha nas mangas e no decote. A'parte, fazem-se na saia três pregas, deixa-se um intervalo liso, torna-se a fazer mais três pregas, a deixar o intervalo liso, até a saia ficar à medida do corpo, (figura 42). Prega-se a saia ao corpo, conforme fizemos para fechar e temos um elegante vestidinho. (E' claro que antes de fazer-mos as pregas, fazemos a bainha).



será preciso apanhar da segunda, e melhor ficará. Então, voltam-se os bicos para cima das pregas, e cosem-se. Os ombros da frente e que ficam por baixo dos bicos, choleiam-se para não desfiar. Cholear, é enfiar a agulha dum lado e puxar do outro, (fig. 39). Passam-se a ferro, antes de tirar os alinhavos, conforme ficou já dito, as pregas, e fica um vestido bonito, (fig. 40).

**FIM**

## ADIVINHAS

- 1.<sup>a</sup>—Qual a nação muito apreciada pelo Natal?
- 2.<sup>a</sup>—Qual a nação que tirando-lhe a primeira letra fica o nome duma mulher?
- 3.<sup>a</sup>—Qual é o mar da côr do leite?
- 4.<sup>a</sup>—Qual é o ponto cardeal que ao contrário nos alumia?

- 5.<sup>a</sup>—Qual a provincia brasileira que muitas senhoras são?
- 6.<sup>a</sup>—Qual a ilha portuguesa que dá couves?
- 7.<sup>a</sup>—Qual a ilha portuguesa muito apreciada pelas senhoras?

## Generosa paga duma pêga

(Conclusão da página 5)

*Nota interessante:* O presente de núpcias que o noivo deu à esposa foi a sua impagável pêga, por ela simbolizar a medianeira ou protectora que, com o Destino, concorrera para a realização da sua felicidade, pois sem a sua interfe-rência jámais esse casamento seria um facto. E se tal sucedeu foi, certamente, por a simpática ávezinha

querer pagar com generosidade o beneficio recebido e que a puzera a salvo duma morte certa. Devemos proteger sempre os irracionais que, muitas vezes, nos auxiliam nas lutas pela vida. As boas acções nobilitam quem as pratica e só se albergam em corações bem formados.

# O CARNAVAL de BÉBÉ

Por ANIBAL NAZARÉ



Quando chega o Carnaval logo Bébé se prepara e imagina um disfarce colossal... — «Uma folha de jornal enrolada, transformada em barretina!

Com aspecto de papão, da máscara de cartão, por baixo do capacete, o seu olhar aparece, a perguntar em falso: — O' mamã!... Não me conhece?!...



Até o gato, coitado, a dormir junto à lareira, não escapa da brincadeira não faz ó-ó descansado!...

E até o Tótó a murro, tem de deixar pôr a cola numas orelhas de burro, de cartão, como as que põem na Escola ao Bébé, quando não sabe a lição!

E ao deslizar, descuidado, junto ao Bébé,



que diz passando em tropel — olha o Diabo!!! é já certo que a criada traz um rabo de papel!!!

Teve a mamã, de manhã, que avisar quasi zangada com a criada e o cão: — é proibido brincar!...» Uma espécie de Edital que regula a animação dos dias de Carnaval!...

## Solução das adivinhas anteriores

1.º — A tesoura. 2.º — Sapato. 3.º — Uma cabeça de alhos. 4.º — A estrada. 5.º — A parede suja e a cal que a limpa.